

Ministro negocia no Carnaval

Brasília — O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, embarca na próxima semana para os Estados Unidos para reiniciar as negociações da dívida externa com os bancos credores. "Vou passar o carnaval negociando a dívida", anunciou ele a uma dezena de presidentes de federações de indústrias e ao presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco (PFL-SE), que se reuniram ontem, na sede da CNI, para lhe entregar documento propondo mudanças na condução da política econômica.

A reunião entre os empresários durou todo o dia, mas foi interrompida para que Funaro prestasse alguns esclarecimentos e recebesse o documento, informou o presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato. Os empresários centraram a discussão com o ministro na questão da renegociação da dívida externa e das altas taxas de juros cobradas internamente. Funaro admitiu, segundo Donato, que uma das estratégias que pode ser empregada na renegociação da dívida é a suspensão por 90 dias do pagamento dos juros, para dar "uma folga às contas internas e garantir a importação de produtos básicos, como petróleo", informou.

Ao contrário das reuniões anteriores com Funaro, os empresários moderaram o tom das críticas ao governo. Até mesmo o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, recentemente envolvido em atritos com o governo em função do atraso do realinhamento dos preços, saiu da reunião dizendo que estava com "muita pena do Funaro".

— Ele é um homem bem-intencionado. Está fazendo o maior esforço na negociação desta dívida. O problema é que a situação está muito difícil. É hora de os empresários colaborarem — comentou.

Apesar da aparente trégua dada pelos empresários a Funaro, a reunião de ontem foi tumultuada. Várias dúvidas foram levantadas e, na opinião de um dos participantes, "a insegurança e o pessimismo permanecem". Funaro estava muito desanimado, e não vis-

lumbrou qualquer possibilidade de redução imediata dos juros, comentou mais tarde o senador Albano Franco, assinalando: "Faltou elan ao ministro".

Funaro foi taxativo ao afirmar que o sucesso da política econômica interna depende agora basicamente do sucesso que o país obtiver na renegociação da dívida externa, conforme o relato do presidente da CNT. Os empresários ouviram também do ministro que não existe qualquer possibilidade de o governo vir a socorrer as pequenas e médias empresas em situação de falência em função da alta dos juros. O débito destas empresas, segundo Funaro, é maior do que todo o subsídio ao trigo, que hoje está em torno de 23 bilhões de dólares.

O documento dos empresários entregue a Funaro faz um diagnóstico da atual situação e levanta o temor de o país estar caminhando "para um desastroso processo recessivo". Aponta como os primeiros sinais deste processo, o aumento das taxas de juros, a escassez de insumos para a produção e a deterioração do poder de compra em função da inflação.

Os empresários queixaram-se de terem sido estimulados a investir no ano passado e terem que enfrentar agora "inflação e juros disparados, associados a sobretaxas fiscais, compulsórios, distorções nos preços relativos e forte pressão salarial". Criticaram também "os que se omitem ou os que empurram o país para o abismo, motivados pela ambição desmesurada do poder econômico ou do poder político".

No documento de sete páginas, intitulado "Um compromisso para a recuperação econômica", os empresários destacam sete pontos como fundamentais para recuperação da economia. Entre eles, a participação direta na formulação de um programa econômico de longo prazo, de no mínimo 12 meses, com o estabelecimento de metas realistas, com controle temporário, mas respeitando as regras do mercado: estabelecimento de metas para a inflação a partir de março entre 7% e 8%, com os preços de maior influência no IPC ficando administrados.